Fotos: Zuleika de Souza/CB/D.A Press

Chico e Cláudia, casados há 22 anos, dois filhos e uma fartura de livros guardados em casa: na sala, na sala de jantar, na varanda, na área de serviço

Aventuras do livreiro solitário

Há mais de 30 anos, Chiquinho abastece alunos e professores da UnB com a sabedoria e o conhecimento dos livros. Mas até agora não conseguiu comprar uma casa. Mora de aluguel em Sobradinho, cercado de obras e de mais de 500 autógrafos importantes

Foi o jornal que conduziu o piauiense Francisco Joaquim de Carvalho para a leitura densa e prolongada dos livros. O jovem Chiquinho saía pelas quadras de Sobradinho oferecendo seu produto, folhas de papel transmitindo as notícias do mundo. Rapidamente, o jornaleiro aprimorou a velha técnica de gritar as manchetes aos ventos. Aproximava-se dos possíveis clientes e avisava-os de que na edição daquele dia havia assuntos de seu interresse. "Se o cara da farmácia gostava de futebol, eu dizia que tinha notícia do Pelé, por exemplo. Se o da padaria gostava de religião, eu contava que o jornal estava cheio de matérias sobre o papa. Se o outro se interessava por violência, eu mostrava a página de polícia."

Logo, a técnica mambembe se mostrou extremamente bem-sucedida. Chiquinho ganhou uma bicicleta por ter sido o jornaleiro que mais vendeu exemplares num só mês, 500. O número era razoável para a modesta publicação, o *Diário de Brasília*, já extinto. Pouco tempo depois, foi trabalhar com dona Chica, dona da banca de revistas da Universidade de Brasília. O adolescente de 15 anos chegava à UnB às 6h, punha cem exemplares de jornal na cabeça e ia para a entrada norte do Minhocão esperar pelos alunos, professores e funcionários da universidade. Vendia o **Correio Braziliense**, a *Folha de S. Paulo*, o *Jornal do Brasil*, o *Estadão* e os periculosos *O Pasquim*, *Coojornal*, *Opinião* e *Movimento*, tabloides que enfrentavam o regime militar.

Eram anos de chumbo, mas o garoto vindo de Picos para Brasília aos 8 anos nem se dava conta da gravidade do momento. "Se o pessoal da ditadura me prendesse, eu não ia nem saber por que estava sendo preso." Viriam mais perigos pela frente. Depois de quatro anos na banca da dona Chica, Chiquinho foi trabalhar na memorável Livraria Galilei, no Conic, ponto de encontro de intelectuais de esquerda. No dia do lançamento do livro de um anistiado político, a livraria recebeu um telefonema avisando que havia duas bananas de dinamite. A polícia foi chamada, e os explosivos, localizados.

Àquela altura, Chiquinho já estava fisgado pelas letrinhas impressas. Mas foi o contato intenso com o então editor da revista *Víbora*, Nelson Abrantes, que deu contornos definitivos ao destino do futuro livreiro. "Ele falava tanto de livros, o dia inteiro, que eu tinha pesadelos à noite." Quando saiu da livraria de Abrantes, Chiquinho já estava preparado para ser um livreiro. Teve a ideia de voltar ao colo da UnB. Comprou um pequeno estoque de livros, bateu à porta do Centro Acadêmico de Economia e pediu para guardar na sala do CA seu modestíssimo acervo. Durante o dia, saía vendendo as obras de mão em mão e pegando encomenda de novos títulos. Até que mudou a gestão do centro acadêmico e o livreiro ambulante perdeu o lugar.

O desabrigo durou pouco. Algum tempo depois, Chico conseguiu o quiosque onde está até hoje. São 34 anos de militante convivência com alunos e professores. Muitas livrarias do Plano Piloto abriram e fecharam, e a Livraria do Chico continua a resistir à concorrência desigual das grandes redes. "O que me segura no mercado é estar dentro da UnB, mas é também a solidez da clientela que está comigo há mais de 30 anos e a prestatividade que dedico a eles."

O livreiro solitário é um dos melhores profissionais do ramo em Brasília, senão o melhor. Portador de um diploma de segundo grau, Chiquinho cumpre um roteiro de leituras que o mantém antenado com as novidades do mercado editorial sem precisar ler os livros. No sábado, ele rastreia os cadernos de Cultura dos principais jornais do país, que compra do próprio bolso. Também acompanha revistas semanais, que ele não compra, folheia na banca de um amigo.

Se não sobra dinheiro para aquisições culturais, também ainda não foi possível comprar a casa própria. Chiquinho mora de aluguel em Sobradinho, cidade de onde nunca saiu desde que chegou a Brasília, em 1968, com a mãe, os tios e sete irmãos , vindos de pau-de-arara. "É o amor que me mantém na profissão, não é o lado econômico." A casa da QI 1 guarda a história do livreiro, obras que restaram de mais de três décadas de lançamentos no mercado editorial brasileiro. No meio delas, muitas vezes perdidos, estão os livros autografados, esse sim o grande tesouro do livreiro.

Chiquinho não deixa por menos: "Depois de José Mindlin (o mais célebre bibliófilo brasileiro, morto há três anos), eu sou o que mais tem autógrafos no Brasil". É exagero, por certo, mas não deixa de ser verdade para esse quixotesco vendedor de livros. Da lista de dedicatórias guardadas na casa de Sobradinho constam assinaturas de José Saramago, Edgar Morin, Jean Baudrillard, Anthony Giddens, Cora Coralina, Tariq Ali, Slavoj Zizek, Caetano Veloso, Milton Santos, Paulo Bertran, Glauco Mattoso. Teve livro publicado e pisou na UnB, Chiquinho corre atrás do autógrafo, com a sede de um perdido no deserto. "Vi o David Byrne em Paraty. Fiquei bem na frente dele, com a maior vontade de comprar o livro dele (*Diários de bicicleta*), mas não tinha dinheiro. Foi igual estar diante de uma torneira, com sede, e não poder beber água." Às vezes, não é necessário um livro para se sentir saciado: ter estado com Darcy Ribeiro e com Nelson Mandela, por exemplo, está na lista do que de melhor já lhe aconteceu na vida de livreiro. "Não tem preço", repete.

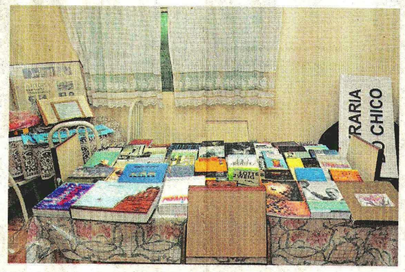
Cada dedicatória é uma aventura, um causo que Chiquinho tem para contar. Quando Samarago foi receber o título de *doutor honoris causa* na UnB, em 1997, o livreiro montou sua banquinha na entrada do auditório. Nisso, reconheceu o editor da Companhia das Letras, Luiz Schwarcz, a quem nunca tinha visto pessoalmente. "Luiz, ô, Luiz..., vem cá. Acho uma sacanagem histórica o que estão fazendo comigo. Estou aqui há mais de 20 anos e vem a editora e monta uma banca oferecendo os livros com desconto." O poderoso editor pegou o livreiro pela mão e saiu cortando caminho até onde estava o Prêmio Camões de Literatura. Apresentou Chiquinho a Saramago e à sua mulher, Pilar del Rio: "Este é o melhor livreiro de Brasília." Pronto. Tudo resolvido.

Um dos mais recentes autógrafos da coleção de Chico é do filósofo esloveno Slavoj Zizek, que esteve na UnB dia 12 último para uma conferência. Como de hábito, o livreiro montou sua banquinha nas proximidades do evento. "Os meninos vinham me perguntar se eu tinha o livro, antes de ir procurar na banca que a editora tinha montado. Essa fidelidade não tem preço." Mas não é Zizek, o filósofo pop, quem faz a cabeça do livreiro. "Gosto do Heráclito e do Kierkegaard", dos quais leu fragmentos.

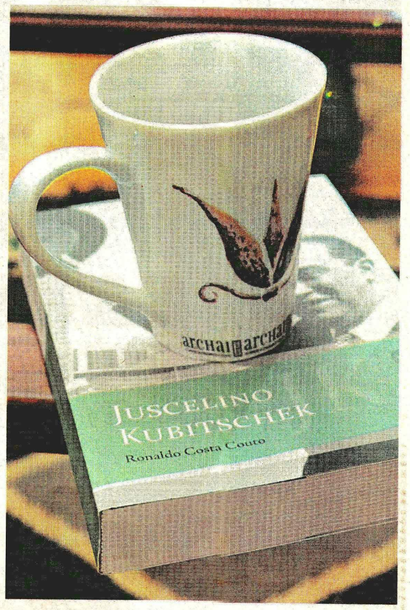
Chico é assim: faz banquete com um ovo. Conhece os bastidores do mercado editorial brasileiro, sabe a história dos principais editores do país e cita José Olympio quando tenta projetar seu futuro de livreiro. "Ele foi, editorialmente, o homem mais importante do Brasil, era amigo de ministros e presidentes da República. A partir dos anos 1980, começou a enfrentar dificuldades e não conseguiu deixar um sucessor." Chiquinho quer trabalhar até quando a velhice deixar. "E vou tentar ver se a Bruna (a filha mais velha, 20 anos), dá uma continuidade." Na casa superlotada de livros da QI 1, só um dos moradores é apaixonado pelos livros. A filha, estudante de Serviço Social, começa a se interessar pela leitura acadêmica; o filho de 12 anos, Lucas, ainda não descobriu o gosto pelas histórias mágicas contidas nas casinhas de papel, e a mulher, Cláudia, não disfarça: "Detesto ler".

O livreiro sorri, sorriso conformado. "Acho que vai ter um apagão cultural no Brasil por causa da internet. Ela é uma realidade fragmentada. A modernidade é uma falsa realidade. Não sei nada de internet. Não tenho computador nem celular.. Antes, os meninos iam pra rua brincar. Hoje cada um fica no seu quarto com um computador".

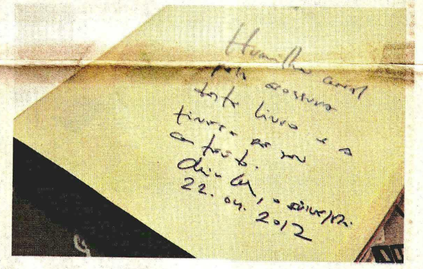
Chiquinho também não tem carro. Carrega seus livros nos precários ônibus que o conduzem à UnB. Para o livreiro, pouco importa. Está cercado de livros, em casa (na sala, na sala de jantar, na varanda, na área de serviço, todos esses cômodos guardam os tesouros de Chiquinho). Ao todo, estima, são 5 mil exemplares, somando os da livraria e os de casa. E perto de 300 clientes, entre os habituais e os intermitentes. "São pessoas que, se eu estiver no desespero e ligar oferecendo livros, eles vêm comprar. Esse reconhecimento não tem preço."



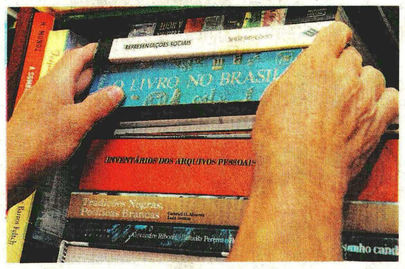
Obras sobre Brasília, reportagens sobre seu trabalho e velho painel

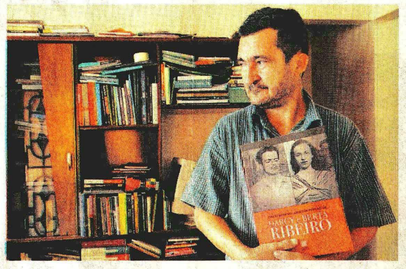


O autógrafo da famosa poetisa goiana está na lista dos tesouros de Chico. A dedicatória de Ronaldo Costa Couto foi mais uma aventura

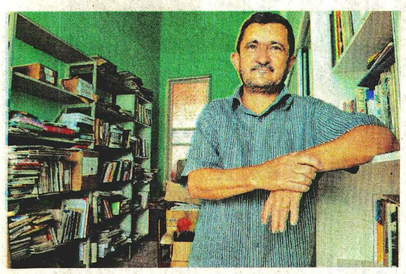


Pucky, o cãozinho, segue o dono e o dono segue os livros e se orgulha dos autógrafos como o do cantor Chico Cesar: "Fineza do conteúdo"





O acervo tem obras da área de humanas publicadas nos últimos 30 anos. Na memória do livreiro, Darcy, Mandela, Saramago, Cora Coralina



Mais livros ao lado da área de serviço: acervo de uma vida livresca

Na varanda, revistas, livros e jornais à espera de um lugar na prateleira

www.correiobraziliense.com.br

A casa fala: confira no site fotos exclusivas e comentários do dono da casa

Patrocínio: AngloAmerican Realização: CORREIO BRAZILIENSE Você à frente de tudo